



Imagem 2. Vista geral da exposição, 2021 © Joana Sousa

PAISAGEM E  
ARQUITETURA  
DA VINHA:  
PERCURSOS INTERPRETATIVOS

CURADORIA: DAVID OLIVEIRA E MARTINHO MENDES

9 DE SETEMBRO 2022 ÀS 20H  
CENTRO CÍVICO DO ESTREITO DE CÂMARA DE LOBOS  
09.09.2022 - 31.09.2022

## Paisagem e Arquitetura da Vinha, Percursos Interpretativos

DAVID OLIVEIRA

 10.34640/universidademadeira2023oliveira

### Resumo:

A exposição apresentada em setembro de 2022 no Centro Cívico do Estreito de Câmara de Lobos constituiu-se como um conjunto de ferramentas para dar a ver a paisagem vitícola da Madeira, através da sua representação e teve a sua génese em *Terroir Madeira: Uma vocação reencontrada, (trans)formações na arquitetura da paisagem vitícola*, uma investigação realizada no âmbito de Mestrado Integrado em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 2018-2019, da autoria de David Oliveira (1994-), natural desta freguesia.

Através de uma visitação multiescalar a vários pontos da Ilha, a exposição propôs levantar reflexões e discussões sobre a (trans)formação da paisagem vitícola como forma de reencontro da sua original vocação produtiva, em alternativa ao abandono e/ou à sua passiva contemplação. Uma narrativa que procura sensibilizar as comunidades para os impactos dos diferentes intervenientes sobre o território agrícola.

A paisagem ali evocada é entendida como um organismo vivo, nalguns casos em renovação, noutros em rutura com a tradição. Renovação, porque, apesar da alteração dos materiais de construção, das culturas agrícolas, e do estilo de vida da população, a identidade da paisagem permanece, respondendo eficazmente às necessidades e aos valores do seu tempo. Rutura, porque a substituição dos sistemas construtivos, testados num tempo alargado por outros sistemas standardizados e menos eficientes a longo prazo, pressupõe um grande risco para a segurança das populações e para a sustentabilidade da agricultura.

A exposição suportou-se no desenho, enquanto instrumento privilegiado para interpretar, analisar e sintetizar as qualidades e as fragilidades da paisagem vitícola nas últimas décadas, onde o Estreito de Câmara de Lobos é caso de estudo.

Em diálogo, foram apresentados registos documentais, gráficos e artísticos do *Ateliê de Paisagem: representar a vinha a partir de António Aragão*, uma atividade orientada por Martinho Mendes no âmbito da educação sénior, dinamizada pelo Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal, com os utentes do Centro Comunitário Vila Viva do Estreito de Câmara de Lobos, em 2021.

**Palavras-chave:** Paisagem, Arquitetura, Desenho, Transformações, Viticultura

**Abstract:** The exhibition presented in September 2022 at the Civic Centre of Estreito de Câmara de Lobos was a set of tools to show the viticultural landscape of Madeira, through its representation and had its genesis in *Terroir Madeira: A reencountered purpose, (trans)formations in the architecture of the viticultural landscape*, a research carried out within the scope of the Integrated Master's Degree in Architecture at the Faculty of Architecture of the University of Porto in 2018-2019, by David Oliveira (1994-), a native of this parish where the exhibition took place.

Through a multi-scalar visitation to various points of the Island, the exhibition proposed to raise reflections and discussions on the (trans)formation of the viticultural landscape as a way of rediscovering its original productive purpose, as an alternative to abandonment and/or passive contemplation. A narrative that seeks to sensitise communities to the impacts of the different actors on the agricultural territory.

The landscape evoked there is understood as a living organism, in some cases in renewal, in others in rupture with tradition. Renewal, because despite the change in building materials, agricultural crops and the quality of life of the population, the identity of the landscape remains, responding effectively to the needs and values of its time. Disruption, because the replacement of time-tested building systems by other standardised systems that are less efficient in the long term poses a great risk to the safety of the population and the sustainability of the whole agricultural cycle.

The exhibition was based on drawing, as a privileged tool to interpret, analyse and synthesise the qualities and weaknesses of the viticultural landscape in recent decades, where Estreito de Câmara de Lobos is a case study.

In dialogue, documentary, graphic and artistic records of the Landscape Workshop were presented: representing the vineyard from António Aragão, an activity guided by Martinho Mendes in the context of senior education, promoted by the Educational Service of the Museum of Sacred Art of Funchal, with the users of the Vila Viva Community Centre of Estreito de Câmara de Lobos, in 2021.

**Keywords:** Landscape, Architecture, Drawing, Transformations, Viticulture



Imagem 2. David Oliveira em casa a brincar.  
Covão, Estreito de Câmara de Lobos, Madeira, 1996 © Coleção particular

## O caminho de regresso a casa

*Aqui, eu, tal como qualquer outro meu antepassado, construí as minhas memórias, ao longo das levadas, sobre os poios e debaixo das latadas, onde silenciosamente construímos paisagem. Sou descendente de um povo com uma vocação extraordinária para transformar este território exigente e agreste num lar seguro e fértil. E por isso, é pouco todo o respeito que poderei demonstrar para com todas as gerações passadas que construíram, com o seu suor, o património que hoje tenho a oportunidade de herdar: a paisagem cultural da Madeira.*

*Lembro-me de a época de vindimas ser um pretexto para as reuniões de família e para o trabalho em comunidade. Lembro-me de ter de aceder aos pontos mais apertados debaixo das latadas, onde só mesmo os mais pequenos cabiam para poder apanhar os cachos maduros. Lembro-me de pisar com os pés descalços os montes de uvas que se acumulavam no lagar lá de casa, dos odores do fermentar do mosto nas pipas e de toda a vibração que era a época de vindimas. Sobretudo ficou marcado na memória algo que nunca esquecerei - o quão custoso era "arrancar" deste território um copo de vinho. Possivelmente por essa razão, hoje, esse ciclo vinhateiro está em desaparecimento. A família emigrou em busca de melhores condições de vida, e ficou para trás todo um saber-fazer coletivo que se transmitia oralmente e através da experiência partilhada, de geração em geração.*

*Hoje já não saboreamos a paisagem a partir dos recursos que ela disponibiliza e grande parte deste território pertence a um passado triste e penoso que as pessoas querem esquecer. É sobre estas bases que surge o meu trabalho: uma motivação em regressar a esta paisagem, à minha casa, não só a do passado, mas também à de hoje e pensar na melhor forma de continuar a caminhar com as ferramentas que fui adquirindo na minha formação enquanto arquiteto.*

David Oliveira  
2019

## A criação de uma experiência de arquitetura através de uma narrativa autoral

O desenho desta exposição procurou ser a representação da própria paisagem vitícola da Madeira numa experiência arquitetónica com o espaço do Centro Cívico do Estreito de Câmara de Lobos. Este espaço continha em si temas que procurámos salientar,



tais como a relação visual e as portadas do espaço expositivo com o exterior, nomeadamente a paisagem vitícola do Garachico. Tendo como propósito a criação de uma experiência arquitetónica, a exposição compreendeu uma grande mesa no centro do espaço, envolta por outros elementos fixados na parede e uma instalação conclusiva de toda a narrativa, que possibilitou um percurso fluido do visitante.

A mesa, enquanto elemento chave para dar a ver o objeto de estudo, era uma ilha e nesta unidade bem definida os elementos que a compunham foram apresentados de forma dispersa, tal como se apresentam os povoamentos humanos. Esta, apesar de aparentemente desorganizada, é o resultado de uma história e de uma ordem. Assim, a leitura da mesa central fazia-se percorrendo o espaço, numa aproximação ao objeto de estudo de forma multiescalar, isto é, indo do geral para o particular: escala regional; escala local; escala da construção e parcela; escala do objeto. Todos os elementos dispostos fora da mesa funcionavam como complementos aos temas nela abordados. A mesa constituiu-se também como o elemento horizontal de produção, onde se discutiram problemáticas urgentes, sendo nela enfatizada a importância da visita constante do território por todos os intervenientes, para uma avaliação da sua condição e, a partir daí, para serem desenvolvidas soluções viáveis não só economicamente, mas também socialmente e culturalmente.

À medida que percorríamos o espaço, deambulávamos entre as dimensões materiais e imateriais da paisagem, através de uma seleção criteriosa de objetos chave que tão singularmente compõem o espaço de apoio ao cultivo da vinha: representações e amostras recolhidas nas visitas de campo aos lugares mais paradigmáticos da cultura da vinha (como é o caso da Achada do Til, em São Vicente; do Seixal, no Porto Moniz; ou do Estreito de Câmara de Lobos), mas também outras, decorrentes de exercícios de síntese e até de abstração e experimentação da macro e micro paisagem.

A recolha dos objetos que compuseram esta exposição deu-se no momento da sua montagem, através do diálogo com os locais, que se mostraram motivados para contribuir para este projeto comum. Salienta-se a generosidade do Sr. David Pinto, que cedeu o localmente designado “gato” (mísula) e que tão sabiamente construiu a instalação do muro de pedra emparelhada.

Esta exposição, por chamar a atenção para muitas questões complexas, foi pensada para ser leve à primeira vista, mas também para ser revisitada pelos mais interessados no tema. Procurou ser, portanto, um espaço de partilha de informação nunca antes divulgada, quer do ponto de vista arquitetónico, quer pessoal.



Imagens 3 e 4. Vista da mesa central sobre a paisagem envolvente do Garachico © Joana Sousa

*Metade da beleza depende da paisagem e, a outra metade, da pessoa que a observa. [...] A paisagem, portanto, não só nos apresenta o mundo tal como é, mas é também uma construção, uma composição deste mundo, uma forma de ver o mundo. A paisagem é, ao mesmo tempo, uma realidade física e a representação cultural que dela fazemos.*

Joan Nogué, 2006: 135-139.

*Madeira*, o vinho fortificado proveniente da ilha Atlântica com o mesmo nome, é o resultado de um equilíbrio entre as condições físicas do lugar e as práticas culturais multisseculares de um povo que moldou um *terroir* - sabor característico que certos terrenos dão aos seus produtos e principalmente ao seu vinho -, refletindo em estado líquido o sabor de uma paisagem rica e diversa.

Atualmente, as atenções direcionam-se para a valorização do produto final, relegando para segundo plano o espaço de cultivo da vinha - o território vitícola. À exceção do Funchal, o resto da Ilha, na sua dimensão vitícola, tem sido pouco considerado, em especial a realidade interna, quer no âmbito arquitetónico e paisagístico, quer no estudo da estrutura da vida social. Recorrendo às palavras de Jorge Freitas Branco: “Conhecemos a beleza natural [da Madeira], mas pouco se sabe das implicações das vinhas dominando a paisagem.” (BRANCO, 1991: 58). Na verdade, pouco se avaliou e se discutiu em matéria de investigação, restando apenas escassos contributos bibliográficos que servem de referência.

Neste contexto de difícil intervenção, e com as condições associadas à exploração de micro propriedade, estas áreas, dispersas ao longo da ilha, encontram-se desprotegidas e expostas a uma série de processos descontrolados de transformação que ameaçam todo

um saber-fazer multissecular, que se foi construindo de forma sensível e íntima, em diálogo com as características deste território, e se foi tornando a expressão mais significativa da memória coletiva insular. Exemplo disso são as arquiteturas a que chamamos de “sistemas produtivos”, como os poios<sup>1</sup>, que permitem solo arável; as levadas<sup>2</sup>, que fornecem água para consumo humano, para irrigação agrícola, para ação de engenhos tradicionais e para a produção de energia elétrica; a casa rural, que se constituiu como o coração de toda a atividade produtiva daquele lugar; as vinhas suspensas em latadas, ao longo dos poios, veredas e caminhos.

### **Paisagem torna-viagem** **Escala regional**

Como forma introdutória desta narrativa expositiva, sobre a parede, foram apresentados, sob forma de roteiro, os “10 pontos para uma leitura da vinha da Madeira” (incluindo o Porto Santo), onde sete eram os lugares mais paradigmáticos da paisagem vitícola, estrategicamente selecionados pelo equilíbrio entre os tipos geomorfológicos mais característicos da região (encosta, lombo, achada ou fajã) e os sistemas produtivos que tão singularmente caracterizam este território insular (poio, levada, latada, etc.).

Esta primeira parte permitia dar a conhecer uma realidade extremamente diversa na forma como as comunidades adaptaram a mesma cultura agrícola em várias partes do arquipélago. Deste modo, o itinerário apresentado levava o visitante numa viagem às paisagens da vinha mais paradigmáticas da Ilha, na esperança de que aquele retornasse valorizando as paisagens que “provara”, tal como, no passado, acontecia com o vinho Madeira que, depois de ter viajado pelos trópicos nos porões quentes dos navios, regressava à ilha, com maior qualidade no sabor e nos aromas, tendo ficado célebre a designação de *vinho torna-viagem*.

---

<sup>1</sup>Do latim *podium*, designação local dada aos socacos das encostas, escavados e agricultados; muros, contrafortes de contenção das terras, seguindo a tecnologia tradicional.

<sup>2</sup> Canais a céu aberto de transporte de água.

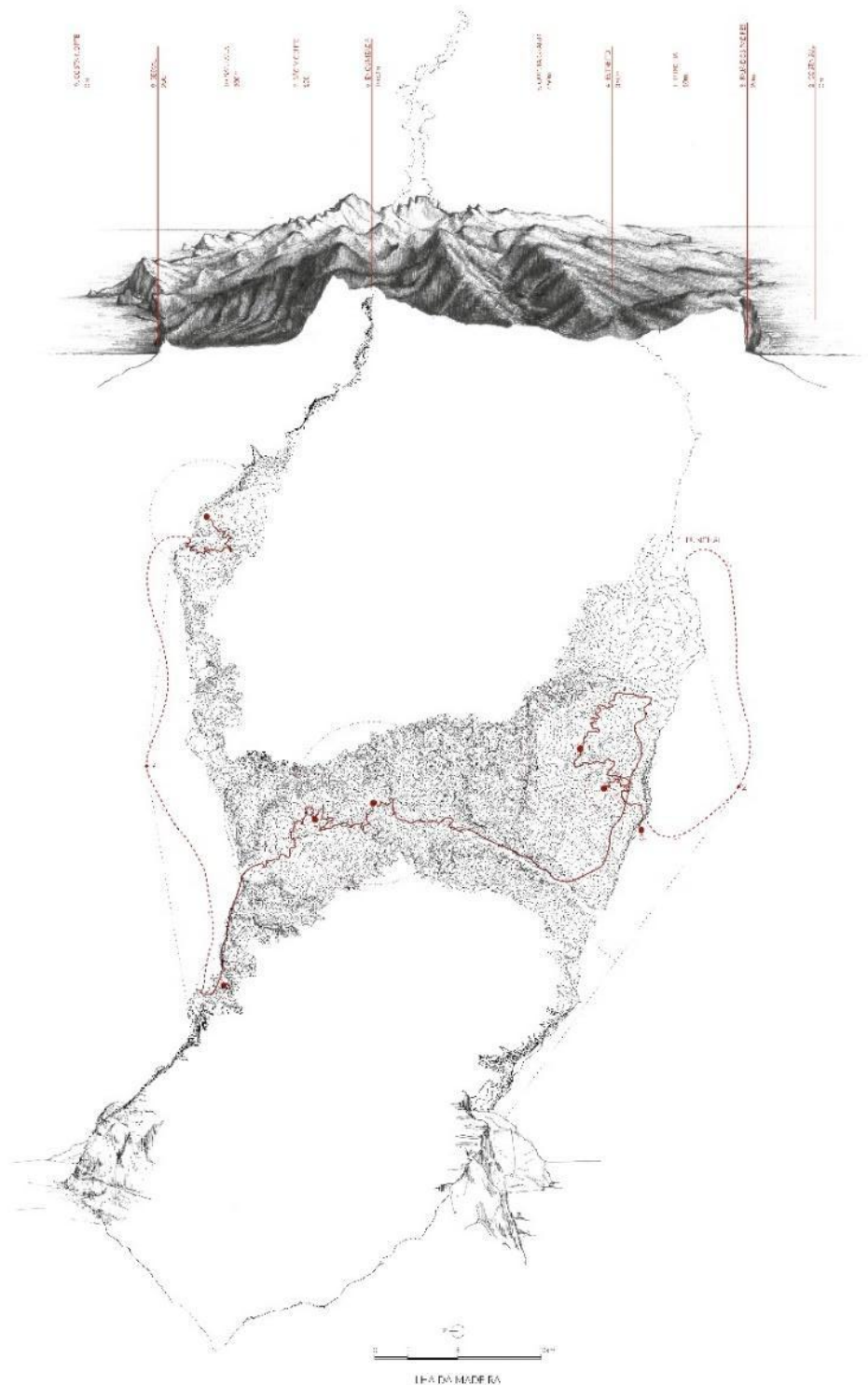


Imagem 5. Roteiro dos 10 pontos para uma leitura da vinha da Madeira, 2019 © David Oliveira



## Um arquipélago de paisagens Escala sub-regional

Na Madeira, a arquitetura da vinha vai para lá da configuração da planta, estendendo-se a todas as estruturas associadas a este cultivo. Numa mesma área é possível encontrar uma vinha tradicional em latada, com estacas de castanho, e uma vinha ao alto; um muro de pedra a limitar outro de betão; um tanque de água escavado por entre a forma irregular do poio e outro pré-fabricado de metal ou plástico, pousado sobre ele. Esta conjugação do “velho” com o “novo”, quer gostemos ou não, representa uma contínua resposta do ponto de vista adaptativo; talvez uma nova estética, ou uma nova conceção do espaço e do tempo. É o cruzamento rico e multicultural que dita a singularidade da paisagem vitícola madeirense, repetindo-se e reinventando-se ao longo das sub-regiões.

A composição apresentada na exposição representou conceptualmente a paisagem vitícola da Madeira e, em simultâneo, uma experiência pessoal, decorrente do contacto direto com a ilha, nomeadamente em viagens de motorizada. Procurou-se captar e expressar o *terroir* através do desenho (ver imagem 6), nomeadamente as especificidades da paisagem e a dimensão estética e afetiva daquilo que se foi apreendendo nessas viagens de motorizada. Assim, a paisagem representada decorre da combinação entre a experiência do real na ilha e o conseqüente exercício de interpretação, através da escrita e do desenho, processos já distanciados dessa experiência. Noutras palavras, é a memória a definir a paisagem vitícola, através de um processo cultural que se constrói entre o real e o imaginário, entre o lugar e a imagem que daí se cria e, como refere Joan Nogué, “uma composição deste mundo, uma forma de ver o mundo.” (NOGUÉ, 2006: 135-139).



Imagem 6. Lugares Paradigmáticos da paisagem vitícola, um arquipélago de paisagens, 2019  
© David Oliveira



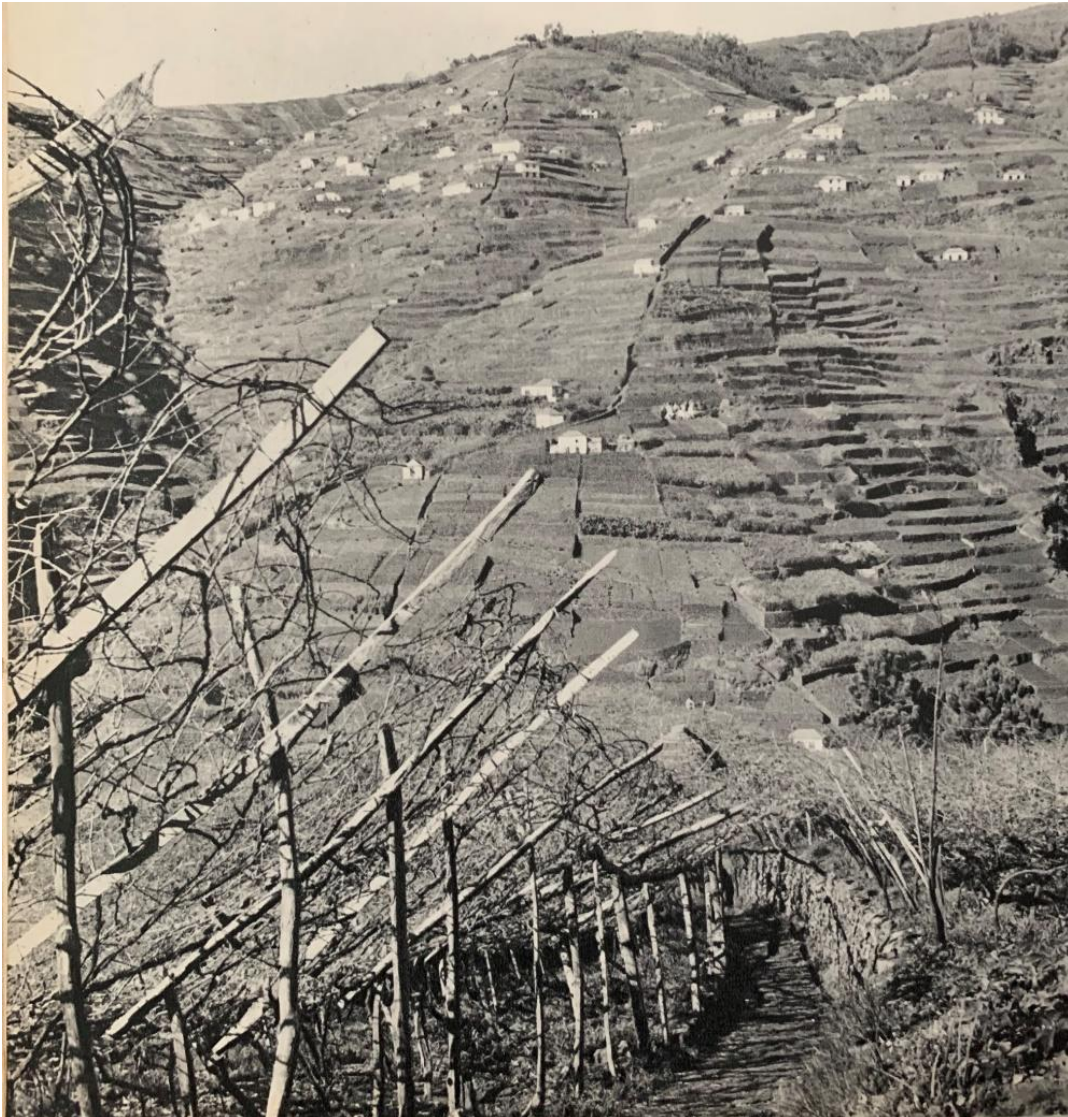


Imagem 7. Paisagem vitícola do Estreito da Câmara de Lobos, séc. XX © Photo Casa de Portugal.

*Não quero crer que bastem a enxada e a pá. Há, ou a fita métrica, ou conhecimentos geométricos. Ou, então, são arquitectos agrícolas, do mais acidentado dos solos. Este solo fertilíssimo e a mão fadada do agricultor fazem com que tudo se produza e em todos os lugares.*

Francisco Gentil, 2008: 52

## A leitura da mesa

Como ponto de partida para a leitura dos elementos apresentados na mesa, foram expostos três mapas da distribuição espacial da cultura da vinha: o primeiro datado de 1904 (KOEBEL, William Henry, "Madeira old and New", London); o segundo de 1994 (JOHNSON, Hugh, "The World Atlas of Wine", Londres, 4ª edição, Reed Consumer Books); e o terceiro (OLIVEIRA, 2022), apenas com a legenda: "Atualmente, não existe uma representação cartográfica oficial que localize todas as áreas de vinhas na ilha da Madeira". Assim se inicia a leitura da paisagem atual, tal como se iniciou a investigação no âmbito de mestrado, sem uma base rigorosa que pudesse servir de referência para o estudo da distribuição da cultura da vinha neste espaço insular.

Em diálogo com a entidade responsável por esta atividade, o IVBAM - Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, fomos informados de que cada parcela de vinha e respetiva propriedade estão organizadas de forma individualizada. Esta condição dificulta em grande medida o acesso a informação fundamental para a investigação deste tema, pois o registo constante da ação humana sobre o território permite avaliar a sua transformação no tempo, nomeadamente as perdas e as reconversões, ou as áreas que deixaram de ter viabilidade agrícola, para dar lugar à construção de infraestruturas ou habitações, etc.

*o vinho era para a Ilha «ao mesmo tempo o seu recurso e a sua desgraça, o seu tesoiro e a sua pobreza.»*

Rodrigues de Azevedo, 1953: 37

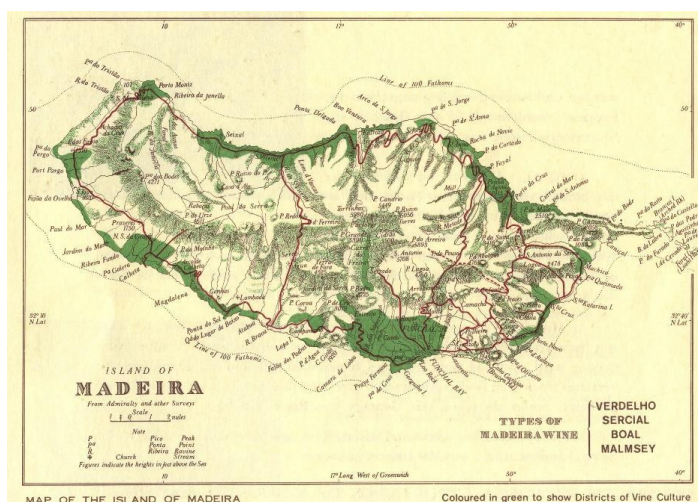


Imagem 8. William Henry Koebel, Mapa das áreas de vinhas de castas europeias na Ilha da Madeira, 1909.



## A Viticultura na Madeira Escala Regional

A leitura altimétrica do território, através da secção apresentada, revelou ser a chave para explicar rigorosamente a organização do espaço vitícola. Constatou-se que a viticultura da Madeira consiste na seleção criteriosa do lugar – tipo geomorfológico –, da altitude a (im)plantar o tipo de casta e dos modos de conduzir e regar as vinhas. As relações estabelecidas entre as condições físicas do lugar e as práticas culturais atribuem ao vinho o estatuto de *terroir* – a identidade de um território em estado líquido –, sendo que a diversidade de sabores do vinho transparece o escalonamento da organização da viticultura.

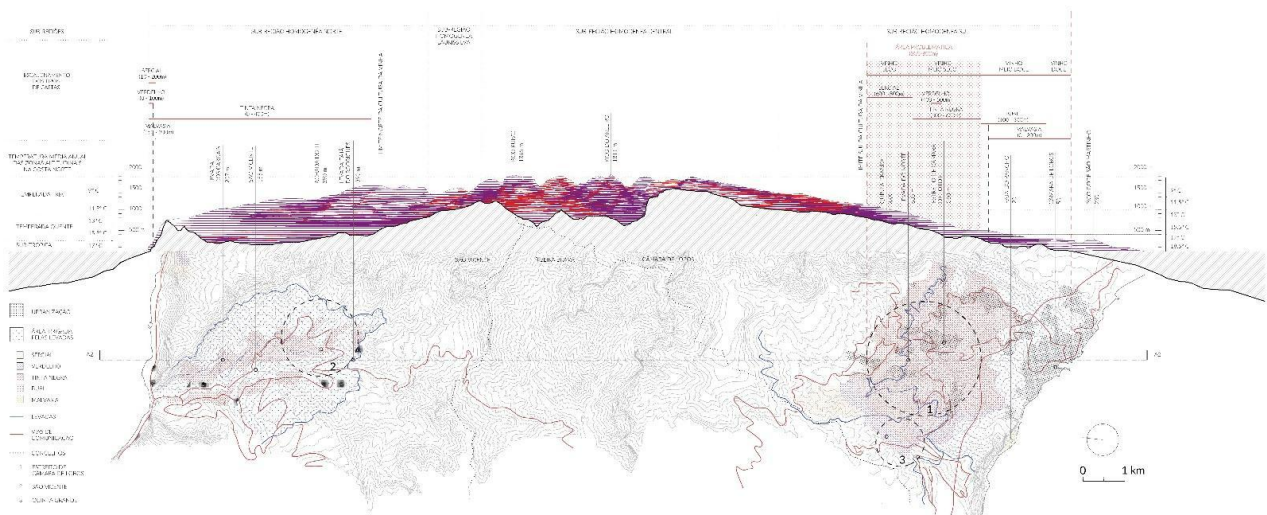


Imagem 9. Secção vertical da distribuição das castas tradicionais de Vinho Madeira, 2019 © David Oliveira

## Três intensidades da atividade vitícola: o caso do Estreito de Câmara de Lobos Escala Local

Num primeiro momento, olha-se para o contexto específico do Estreito de Câmara de Lobos, por ser a maior área contínua de vinhedos e a que apresenta mais problemáticas, percorrendo-se uma série de espaços, de forma a recolher dados que definam a atividade produtiva da paisagem vitícola, expressa no desenho de secção.

São identificados três momentos da atividade vitícola: (i) altamente produtiva, (ii) mantida a tempo parcial e (iii) abandonada. Estas três intensidades são influenciadas pela disponibilidade de infraestruturas, em especial de circulação rodoviária, que permitam um eficaz escoamento dos produtos com meios mecanizados, sem depender de grandes esforços de mão-de-obra.

É essencialmente sobre as áreas de abandono que devem ser desenvolvidas soluções integradas e sensíveis, de forma a permitir um eficaz escoamento dos produtos e até uma mais facilitada circulação dos agricultores, mantendo os sistemas agroprodutivos pré-existentes que construíram a paisagem agrícola da Madeira, tais como os poios e as levadas.

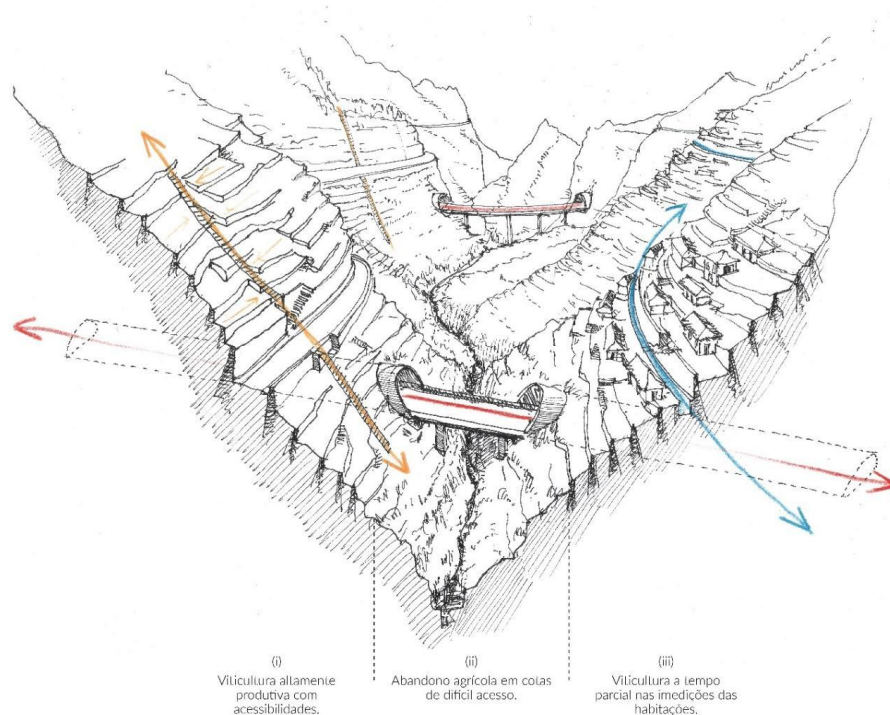


Imagem 10. Secção vertical das três intensidades da atividade vitícola, 2019 © David Oliveira

## Vulnerabilidades de um território (dis)funcional Escala Local

Reconhece-se que na encosta Sul da ilha da Madeira se manifestam fenómenos de (trans)formações naturais e culturais. Saliencia-se uma área problemática – compreendida entre os 300 e os 800m de altitude –, onde se concentra grande parte da arquitetura da paisagem vitícola exposta aos riscos de destruição, de abandono e de descaracterização. Acima dos 800m encontram-se as serras de espécies exóticas (eucaliptos e acácias) e desde as cotas mais baixas até aos 300m intensificam-se as áreas urbanas. Deste modo, ambos os extremos exercem pressões sobre uma franja problemática, onde a cultura da vinha predomina. Neste intervalo altitudinal, a cultura da vinha encontra-se fragilizada por duas grandes ameaças, quer de origem natural, através das catástrofes naturais, quer da standardização progressiva da paisagem, ambas provenientes da falta de manutenção dos sistemas produtivos e da falta de gestão da paisagem, respetivamente.

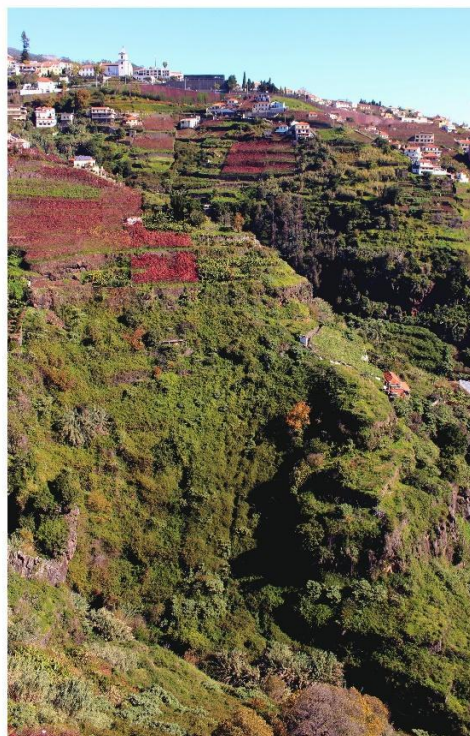
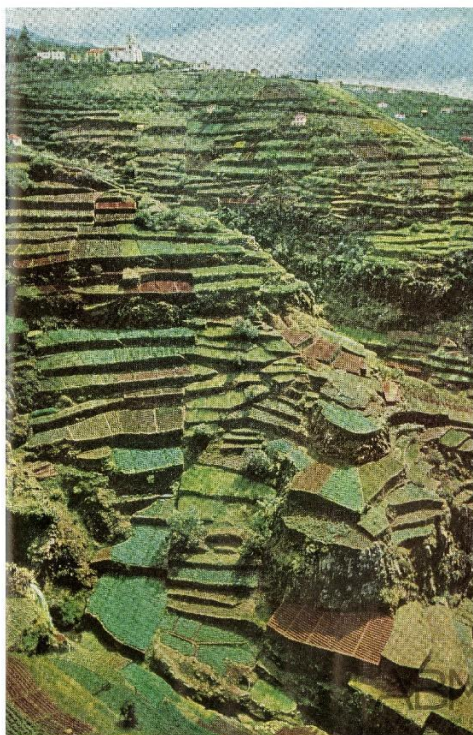
Na origem destes problemas estão as transformações descontroladas, a elevada pressão urbana, a predominância de agentes transformadores como a indústria da construção civil, a fragmentação das propriedades e a necessidade de investimentos acrescidos para a produção agrícola nos poios, resultando no progressivo abandono da atividade agrícola, e na consequente disfuncionalidade do território.



Imagem 11. Secção vertical da encosta sul da Madeira, 2019 © David Oliveira



## A progressiva estandardização da paisagem Confronto entre Passado - Presente



Imagens 12 e 13. Comparação fotográfica da encosta da Ribeira da Caixa, 1959 – 2019

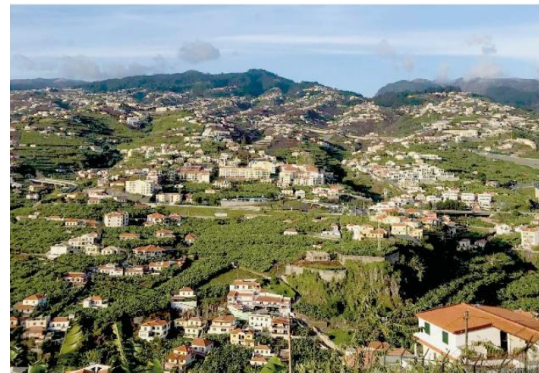
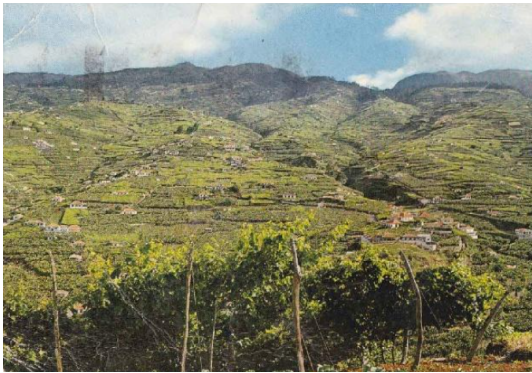
© David Boyer – David Oliveira

*Antes de ser agricultor é cabouqueiro e arquitecto. (...) Novos poios se sobrepõem a outros poios, e assim esse trabalhador humilde, além de transportar sobre os ombros o peso da sua cruz, constrói nos degraus da montanha o seu próprio calvário. É a Madeira sobrepovoada que luta heroicamente para viver.*

Vieira de Natividade, 1953: 39



De forma a avaliar as transformações da paisagem nas últimas décadas, procedeu-se a um exercício de comparação fotográfica, entre registos fotográficos do passado e do presente, a partir do mesmo ponto de vista e com o objetivo de sensibilizar o público para a velocidade com que essas transformações se deram. O resultado é flagrante. Reconhece-se a tendência para a introdução na paisagem de valores genéricos e estandardizados, muito desadequados em relação às especificidades deste contexto, comprometendo a especificidade paisagística que tão eficaz e sensivelmente fora construída com as práticas tradicionais.



Imagens 14 e 15. Comparação fotográfica da paisagem vitícola do Estreito de Câmara de Lobos, 1955(?) – 2019, © CAAHM – David Oliveira.

Em termos de ocupação do território, a Madeira está a criar um ciclo (novo) de hiper-realismo português. Não é só um território em profunda mutação paisagística; é um lugar onde se experimenta sem esforço uma sensação próxima da amnésia: aqui o tempo sofreu um processo de indiscutível aceleração.

Ana Vaz Milheiro, 2007: 68.

As paisagens de hoje estão a tornar-se mediócras, banalizadas e baseadas em modelos “copy-paste”, repetidos vezes sem conta pelo território, embutidos com uma *suposta patine de modernidade*. As áreas rurais periféricas às cidades de Câmara de Lobos e do Funchal tornaram-se desorganizadas e difíceis de discernir, porque nem são urbanas, nem rurais. O mais grave dessas

transformações é que estão a acontecer a uma velocidade incrível, dificultando não só o seu diagnóstico, como também a sua gestão.

### **O progressivo desenraizamento de um modo de vida Escala da Parcela**

A secção abaixo apresentada, cujo desenho integrou a exposição, procurou refletir (através da composição de vários registos desenhados dos sistemas produtivos, feitos nas visitas de campo) sobre os impactos positivos e negativos do modo como foi sendo organizada a unidade de produção agrícola, na relação com os espaços de habitar. À medida que se desce a encosta, decresce também a forte relação outrora existente entre os espaços da casa rural e o seu contexto. O modo como a latada se dispunha e os espaços que cobria expressavam a circunstância da estrutura social no mundo rural, bem como os sectores a que se dedicavam os seus intervenientes.

Pode afirmar-se com esta secção que, paralelamente ao desenraizamento da cultura da vinha, a casa de habitação se desvinculou daquilo que a envolve, contribuindo para que estes dois mundos, o do cultivar e o do habitar, deixassem de caminhar, como outrora, lado a lado e de moldar tanto os lugares, como a sua gente.

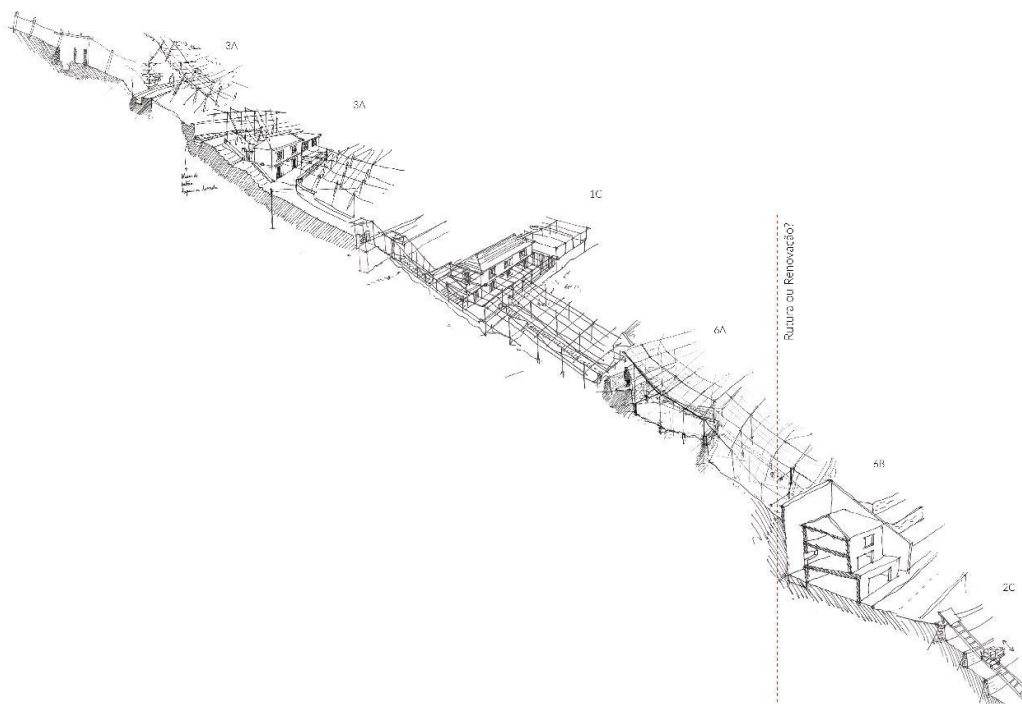


Imagem 16. Secção espaço-temporal do progressivo desenraizamento da cultura da vinha, 2019  
© David Oliveira.

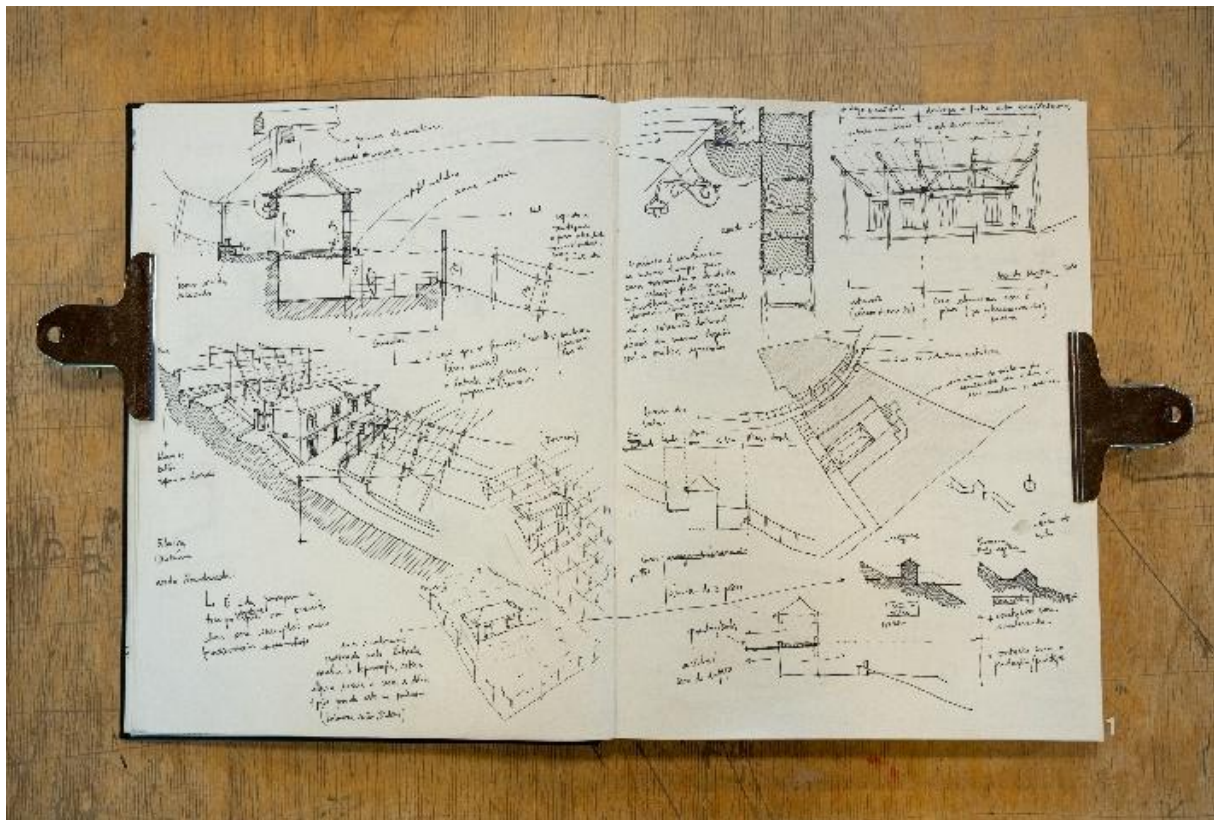


Imagem 17. Caderno de campo, desenhos de análise dos elementos arquitetónicos da casa rural vitícola, 2019  
© David Oliveira





Imagens 18 e 19. Vinhas do Estreito de Câmara de Lobos, vista de cima e debaixo da latada, 2019  
© Joana Sousa

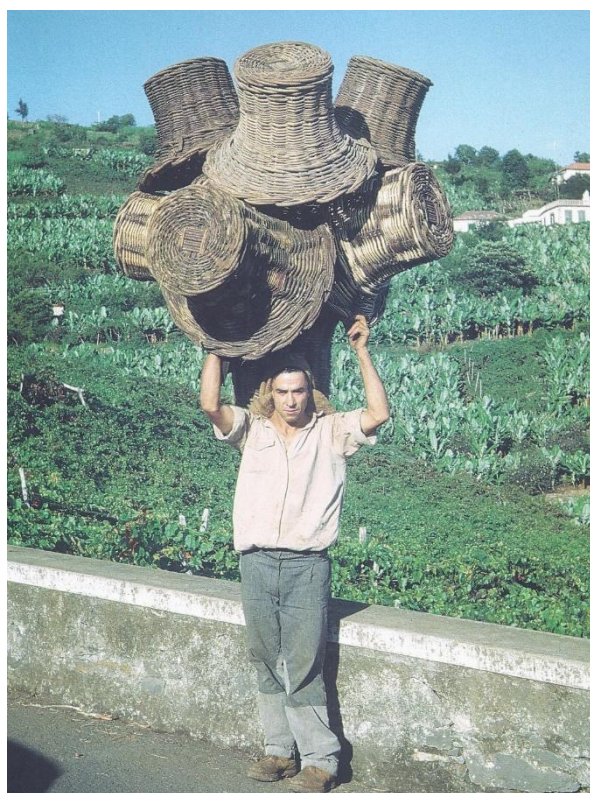


Imagem 19. Viticultor a transportar coroa de cestos de vimes, anos 1960  
© José Pereira da Costa.



*Por uma questão de respeito pelas gerações anteriores, que são muitas e que penaram imenso para sermos o que somos hoje e para que a Madeira seja o que é, deveríamos olhar a paisagem com outro olhar.*

Victor Mestre, 2019 (entrevista)



Imagens 20, 21, 22 e 23. Fotografias de família, vivências debaixo da latada, Covão, séc. XX

© Coleção particular



Imagem 24. Encarnação de Jesus. Visita dos utentes do Centro Comunitário Vila Viva à exposição, 2022 © Coleção particular



Imagem 25. David Pinto, José Barros, construindo um muro de pedra seca, 2022

© Coleção particular



## Ateliê de Paisagem: representar a vinha a partir de António Aragão

O convite realizado pelo Centro Comunitário Vila Viva do Estreito de Câmara de Lobos, ao Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF), para a realização de uma oficina de artes na sua instituição, surgiu na sequência de uma visita cultural realizada por um grupo de utentes ao MASF, nos dias 4 e 11 de novembro de 2021.

O tema do ateliê foi a paisagem local, vitícola, desenvolvido a partir da divulgação e do diálogo com o trabalho artístico de António Aragão (Madeira, 1921-2008) que, por aquela altura, estava a ser recordado numa exposição temporária no MASF. António Aragão foi uma figura multifacetada e como artista plástico estudou e representou diferentes facetas da cultura madeirense. A paisagem da ilha, e a vida que nela pulsava, foram por ele representadas artisticamente, ao longo do tempo, quer de forma figurativa, quer de um modo mais abstrato.

O ateliê foi estruturado em duas partes articuladas, com o objetivo final de criar um trabalho artístico coletivo, para ser colocado nas paredes do refeitório do centro.

A primeira parte do ateliê (dia 4 de novembro) contemplou diferentes momentos e exercícios: 1) apresentação temática do ateliê, na sala multiusos do Centro Ocupacional Vila Viva, divulgando a obra de António Aragão (imagem 26); 2) exercício de desenho de interpretação do território a partir do volume, quase orográfico, de folhas secas de vinha (imagem 27); 3) exercício de desenho para análise dos volumes do território e a simplificação gráfica da paisagem local, a partir de uma fotografia com vinhas no outono (imagem 28); 4) exercício de pintura e colagem sobre o desenho realizado fotocopiado (imagem 29); 5) exercício de montagem de uma exposição de todos os trabalhos gráficos realizados, nas paredes da sala de entrada do centro ocupacional, para observação e reflexão sobre o processo criativo e os resultados obtidos, tendo em vista a preparação para o segundo momento da atividade.

A segunda parte do ateliê (dia 11 de novembro) foi estruturada a partir do trabalho de desenho e colagem realizado uma semana antes. Foram escolhidos alguns dos desenhos realizados pelos utentes para a criação de quatro pinturas: um díptico de grande formato e três telas individuais mais pequenas.

O resultado final deste ateliê integrou esta exposição que, no seu conjunto alargado, propôs diferentes interpretações acerca do que implica a construção dinâmica de uma paisagem.





Imagem 26. A obra de António Aragão como ponto de partida para o Ateliê apresentado por Martinho Mendes, 2021  
© Martinho Mendes



Imagem 27. Utente a desenhar o contorno de uma folha da vinha, no âmbito do ateliê, 2021  
© Martinho Mendes



Imagem 28. Desenho de simplificação gráfica da paisagem vitícola no âmbito do ateliê, 2021  
© Martinho Mendes



Imagem 29. Da folha à paisagem: o Estreito de Câmara de Lobos no Outono, 2021 – 2022.  
Pintura coletiva realizada no âmbito do Atelier de Paisagem, coordenação: Professor Martinho Mendes; Orientação Dra. Carla Silva; Autoria: Agostinho Pinto; Avelino Nunes; Celeste Faria; Encarnação Rodrigues; Eugénia Araújo; Fernando Figueira; Francisco Pestana; Ilda Franco; Irene Figueira; Lília Freitas; Maria Silva; Mário Jesus; Mercês Figueira; Sara Pestana.

## Considerações finais

O exercício de leitura transposto para a exposição permitiu reconhecer uma arquitetura que é relevante para a construção da paisagem do Estreito de Câmara de Lobos. Uma paisagem não alheia a diversas vulnerabilidades, mas que é viva, efémera e dinâmica, encontrando-se em constante (trans)formação, porque nela agem e são (re)introduzidos novos valores, diferentes autores e concepções de espaço. É importante notar que a paisagem não deve ficar cristalizada numa imagem do passado. No entanto, ao responder às necessidades dos nossos tempos, deve trazer consigo todos os ensinamentos construídos num tempo longo e nem sempre conservados, ou seja, não deve ignorar a tradição.

Neste sentido, várias foram as questões suscitadas pela exposição *Paisagem e Arquitetura da Vinha: Percursos Interpretativos*: (1) de que modo será possível criar condições para se voltar/continuar a tirar partido da terra, adaptando e dando continuidade aos elementos que compõem a paisagem vitícola, minimizando o recurso à mão de obra? (2) perante um território com características físicas e socioculturais tão singulares, como é que a atividade vitivinicultora pode contribuir para a produção de uma paisagem sustentável (quer a nível ambiental, quer a nível socioeconómico) e que escape tanto à cristalização mumificadora quanto à descaracterização acelerada que hoje tende a ser dominante?

Todos os dias fazemos paisagem, ou seja, ela é gerida consoante as nossas exigências e as escolhas de tudo o que consumimos no dia-a-dia.. Na verdade, somos todos nós, enquanto indivíduos e consumidores, que gerimos essa paisagem, através das nossas ações e dos estilos de vida que adotamos. De modo a percebermos os impactos que as nossas escolhas individuais exercem sobre um espaço determinado, torna-se necessário dar a conhecer – através da representação e/ou da experiência consciente – o território de origem de um produto e o trabalho a ele associado, ou seja, o seu *terroir*.

O objetivo da investigação que deu origem e depois acompanhou a exposição *Paisagem e Arquitetura da Vinha: Percursos Interpretativos*, também passou pelo reencontro da relação entre as pessoas e o lugar a que pertencem, procurando, assim, sensibilizá-las para o modo sábio e harmonioso como os seus antepassados intervinham no seu território – em comparação com a atualidade – e para o impacto que as nossas escolhas no dia-a-dia exercem sobre uma determinada paisagem. Criou-se, portanto, um primeiro ensaio expositivo que convidou o visitante a sensibilizar-se ao mergulhar nessa



relação – também expressa no *terroir* – onde puderam manusear objetos, ler imagens, observar a paisagem, sentir aromas e discutir paisagem.

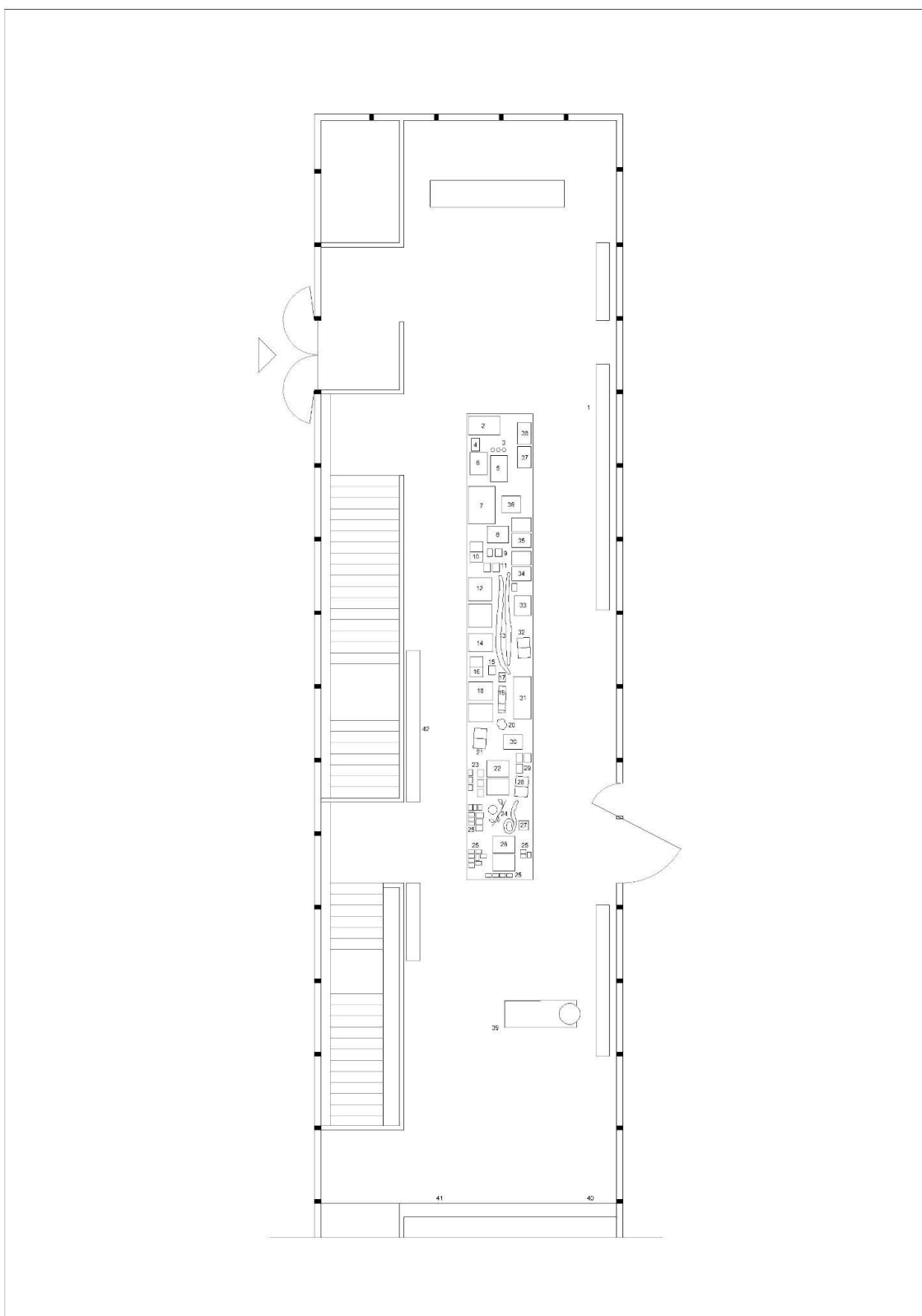


Imagem 30. Planta do espaço expositivo do Centro Cívico do Estreito de Câmara de Lobos

## Legendagem da exposição

**1. Paisagem Torna-viagem**

registos fotográficos e esboços;

**Um arquipélago de paisagens**

registos fotográficos e esboços

2018/2019, David Oliveira.

**2. Secção vertical A2, A viticultura na Madeira, Sabores do Terroir**

2018, David Oliveira.

**3. Tipos de solo da cultura da vinha da Madeira**

recolha local.

**4. Esboço da paisagem de socacos da Madeira**

2019, David Oliveira.

**5. Folha – Território**

2021, Maria Lília de Freitas, utente do Centro Comunitário Vila Viva.

**6. Borracheiros a transportar mosto**

séc. XX, Foto Figueiras.

**7. Secção vertical da encosta sul da Madeira**

2019, David Oliveira.

**8. Paisagem vitícola do Estreito da Câmara de Lobos**

séc. XX, Photo Casa de Portugal.

**9. Comparação entre latada tradicional com estacas de madeira de castanho e latada moderna com perfis metálicos em T**

2019, David Oliveira.

**10. Madère, Texte et Photographies de Varvara**

1955, Varvara.

**11. Esboços das latadas tradicionais de suporte da vinha**

2019, David Oliveira.

**12. Comparação fotográfica da paisagem vitícola do Estreito de Câmara de Lobos**

1955(?) – 2019, CAAHM – David Oliveira.

**13. Estacas de madeira de castanho de suporte da vinha**

recolha local.

**14. Carregamento das pipas em carro de bois**

séc. XX, Perestrelos Fotografia.

**Borracheiros a transportar o mosto**

séc. XX, Perestrelos Fotografia.

**15. Viticultura, Prática Portuguesa**

1907, M. Rodrigues de Moraes.

**16. Madère, Texte et Photographies de Varvara**

1955, Varvara.

**17. Ilustração de uma casa popular madeirense com latada**

António Aragão, in *Canhenhos da Ilha*, 1966, Horário Bento de Gouveia.

**18. Fotografias de família, vivências debaixo da latada**

Covão, séc. XX.

**19. Mísula de pedra de basalto de suporte de latada**

recolha local.

**20. Fundação da estrutura da latada com perfil T**

recolha local.

**21. Arquitectura Popular da Madeira**

2002, Victor Mestre.

22. **Fotografia das vinhas no Estreito de Câmara de Lobos**  
2019, Martinho Mendes;  
**Desenho de contorno da fotografia anterior**  
2021, Maria Lília de Freitas, utente do C.C.V.V.
23. **Registos fotográficos da paisagem vitícola ao longo de um ano**  
2018 -2019, David Oliveira.
24. **Folha de vinha envelhecida; Vide com estrutura dos cachos de uvas; Secção de parreira de vinha da casta Tinta Negra**  
recolhas locais.
25. **Desenho a partir de uma folha de vinha**  
2021, utentes do C.C.V.V., Sara Pestana, Encarnação Rodrigues, Francisco Pestana.
26. **Desenho e colagem a partir da fotografia 21**  
2021, Maria Gorete N. S.  
**Desenho de contorno colorido a partir da fotografia 21**  
2021, Ilda Franco, utentes do C.C.V.V.
27. **Vereda coberta com latada no outono**  
2019, David Oliveira.
28. **Terroir Madeira: Uma vocação reencontrada, (trans)formações na arquitetura da paisagem vitícola**  
Dissertação de Mestrado, FAUP, 2019, David Oliveira.
29. **Esquissos da paisagem vitícola do Estreito de Câmara de Lobos**  
2019, David Oliveira.
30. **Viticultor a transportar coroa de cestos de vimes**  
anos 60, José Pereira da Costa.
31. **Desenho da secção vertical espaço-temporal do progressivo desenraizamento da cultura da vinha**  
2019, David Oliveira.
32. **Caderno de campo, desenhos de análise dos elementos arquitetónicos da casa rural vitícola**  
2019, David Oliveira.
33. **Secção vertical das três intensidades da atividade vitícola**  
2019, David Oliveira.
34. **Comparação fotográfica da encosta da Ribeira da Caixa**  
1959 – 2019, David Boyer – David Oliveira.
35. **Comparação fotográfica dos vinhedos de São Vicente**  
1971 – 2019, Hilly Heinsemann – David Oliveira.
36. **Registos fotográficos de vinhedos pela ilha**  
2019, David Oliveira.
37. **Representação cartográfica da ilha da Madeira com localização das diferentes castas de vinho Madeira**  
1994, Johnson Hugh.
38. **Representação cartográfica da ilha da Madeira com indicação das áreas de vinha**  
1909, Francis Griffith.
39. **Muro de pedra seca, pedra de basalto**  
2022, David Pinto, José Barros, Francisco Azevedo.  
**Cesto de vimes com cachos de uvas Tinta Negra**, ACRE, colheita local.
40. **Metade da beleza depende da paisagem e, a outra metade, da pessoa que a observa. (...) A paisagem, portanto, não só nos apresenta o mundo tal como é, mas é também uma construção, uma composição deste mundo, uma forma de ver o mundo. A paisagem é, ao mesmo tempo, uma realidade física e a representação cultural que dela fazemos.** Joan Nogué in MATA, Rafael; TARROJA, Àlex, *El Paisaje y la gestión del territorio*, Barcelona, Diputació de Barcelona, 2006, p. 135–139.
41. **Da folha à paisagem: o Estreito de Câmara de Lobos no Outono**  
2021 – 2022, pintura coletiva realizada no âmbito do Atelier de Paisagem, dinamizado pelo serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal (coordenação Professor Martinho Mendes), a partir da exposição de António Aragão, junto dos utentes do Centro Comunitário Vila Viva do Estreito de Câmara de Lobos (orientação Dra. Carla Silva): Agostinho Pinto; Avelino Nunes; Celeste Faria; Encarnação Rodrigues; Eugénia



Araújo; Fernando Figueira; Francisco Pestana; Ilda Franco; Irene Figueira; Lília Freitas; Maria Silva; Mário Jesus; Mercês Figueira; Sara Pestana.

42. **Folha – Território**

2021, utentes do Centro Comunitário Vila Viva do Estreito de Câmara de Lobos.

## Referências Bibliográficas

Bento de Gouveia, Horácio (1966), *Canhenhos da Ilha*. Funchal: Edição da Junta Geral do Funchal.

Branco, Jorge Freitas (1987), *Camponeses da Madeira: As bases materiais do quotidiano no Arquipélago (1750-1900)*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Fauvrelle, Natália (2018), *Fazer a paisagem no Alto Douro Vinhateiro. Desafios de um território-museu*, Porto: CITCEM/Ed. Afrontamento.

Fernandes, José Manuel (1996), *Cidades e casas da Macaronésia*, Porto: FAUP.

Kiesow, Sandra; Bork, Hans-Rudolf (2017), "Agricultural terraces as a proxy to landscape history on Madeira Island. Portugal", *Ler História*, n.º 71, Lisboa: ISCTE, pp. 127-152. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2912>

Maderuelo, Javier (2002), *Paisaje y Pensamiento*, Madrid: Abada Editores.

Mestre, Victor (2002), *Arquitetura Popular da Madeira*, Lisboa: Argumentum.

Natividade, J. Vieira (1947), *Fomento da Fruticultura na Madeira*, Funchal: Edição da Junta Nacional das Frutas e do Grémio dos Exportadores de Frutas e de Produtos Hortícolas da Ilha da Madeira.

Natividade, J. Vieira (1953), *Madeira: Epopeia rural*. Funchal: Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

OLIVEIRA, David (2019), *Terroir Madeira: Uma vocação reencontrada, (trans)formações na arquitetura da paisagem vitícola*. Tese de mestrado, Porto: FAUP.

Ribeiro, Orlando (1985), *A ilha da Madeira até meados do século XX: estudo geográfico*, 1.ª edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Vizetelly, Henry (1880), *Facts about Port and Madeira, with notices of the wines vintages around Lisbon and the wines of Tenerife*, London: Ward, Lock, and Co.

**David Oliveira**

David Oliveira (1994) nasceu no Estreito de Câmara de Lobos, Madeira. Depois de ter estudado Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e na Escola de Arquitetura e Design de Oslo, e colaborado no estúdio de arquitetura Hallstein, também em Oslo, concluiu em 2019 o Mestrado em Arquitetura, com uma investigação intitulada *Terroir Madeira: uma vocação reencontrada, (trans)formações na arquitetura da paisagem vitícola*. No mesmo ano, participou e colaborou no IV Congresso Mundial ITLA 2019, “Re-encantar Bancales”, em Gran Canária, na Madeira e La Gomera. Desde 2020 integra a equipa multidisciplinar responsável pela preparação da candidatura das Levadas da Madeira à Lista do Património Mundial da UNESCO. Aqui, tem contribuído para a identificação e definição do Valor Universal Excepcional das Levadas da Madeira, nomeadamente na seleção e na fundamentação dos critérios do Património Mundial e na justificação da integridade e da autenticidade do Bem. Desde então tem participado em exposições de arquitetura, cujas principais temáticas se centraram na paisagem cultural da Madeira. Foi curador em duas exposições em colaboração com Martinho Mendes: *Paisagem e Arquitetura: Percursos Interpretativos*, no Centro Cívico do Estreito de C. Lobos, 2022; e *Sistema Circulatório*, na Galeria Espaço-mar (Funchal), 2022. Participou ainda na exposição coletiva de Artes Visuais, na Galeria dos Prazeres (Madeira), intitulada *Pela Paisagem Dividida, Retalhada*, em novembro 2020.